

O africanismo de Bruno de Menezes*

Nascimento Morais

Bruno de Menezes retirou do final do seu livro "POESIA", publicado em 1931, a parte final, "Batuque", coletânea de poemas afro-brasileiros. A esses poemas juntou outros gêneros, e publicou, ao princípio deste ano, um livro original, com aquele mesmo nome, "BATUQUE".

Abre o livro um poema cujo nome não está escrito no alto da página, mas que só pode ser o nome do livro.

Um "motivo" para principiar:

- *Nêga qui tú tem?*
- *Maribondo Sinhá.*
- *Nêga qui tú tem?*
- *Maribondo Sinhá.*

Começa o descritivo do batuque:

*"Rufa o batuque na cadência alucinante
do jongo do samba na onda que banza.
Desnalgamentos bamboleios sapateios
cirandeios,
cabinadas cantando lundús de cubatas."*

O poeta sujeita a métrica ao ritmo da dança macabra. O artista procura uma onomatopéia, que nos ponha diante da vista do batuque.

Bruno de Menezes sente a alma do africanismo, e copiou o desconcertante do ambiente, do estranho cenário do festival dos negros:

*"Patichouli, cipó-catinga, prepioca,
baunilha, pao-rosa, orisa, jasmim.
Gaforinhas riscadas abertas ao meio,
crioulas mulatas gente pixaim."*

Deslocadas as tônicas, movimenta-se o aduno, vê-se a variedade dos aspectos, nos gestos, nas maneiras e nos gostos da gente mesclada.

O poeta entra com o "motivo", e muda a métrica que continua adaptada ao descritivo, à emoção afro, enquanto as tônicas procuram fazer onomatopéias que plasmam a dança dos ventres:

*"Subdorancias bunduns mesclam-se intoxicantes
no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.
Ventres empinam-se no arrojo da umbigada
as palmas batem o compasso da toada".*

O primeiro, o terceiro e o quarto versos são de 12 sílabas, sem serem alexandrinos. O segundo é um hexametro. O hexametro é o desconchavo. Diz dos torcicolos mais vagarosos, mais langorosos, a lubricidade mais sentida.

E o "motivo" apresenta uma variação:

*"Eu tava na minha roça
maribondo me mordeu."*

"Maribondo" define o momento em que os pruridos sexuais despertam os sentidos. São as primeiras ferroadas do invencível instinto. Na apurada linguagem poética é a alvorada da carne. Também é o primeiro delito produzido pelo impulso animal, que têm culpa o meio e o estado psicológico de uma raça.

*"Eu tava na minha roça
maribondo me mordeu."*

O poeta explica com felicidade a atuação do meio:

*"Roupas de renda a lua lava no terreiro,
Um cheiro forte de resinas mandigueiras
vem da floresta e entra nos corpos em requebros."*

E o "motivo" continua:

- *Nêga qui tú tem?*
- *Maribondo Sinhá.*
- *Maribondo num dexta*
- *Nêga trabalhá!"*

Vendo o batuque, o poeta recorda, à sua imagem, a tragédia da raça, o sofrimento que a salvou, a dor que a engrandeceu. O afeto que a sublimou, ele sintetizou num verso:

"Mãe preta deu sangue branco a muito sinhô moço..."

E sempre o batuque:

*"Maribondo no meu corpo.
Maribondo Sinhá!
É por cima é por baixo.
É por todo lugá!"*

A sensibilidade africana, estranha, e quase sempre intimativa, desorientou o português colonizador, e os primeiros brancos nativos.

Muitos, alvoroçados pelas recordações da costa da África, estavam curiosos de conhecer a negra como mulher.

O “escravagismo” era, em tudo, uma novidade.

Bruno de Menezes faz a gente pensar em coisas que longe vão...

Muito se tem escrito a respeito da colonização portuguesa. Que os portugueses fidalgos, donatários das capitânias, eram uns “prontos” e por isso não puderam promover a prosperidade das capitânias. Faltava-lhes o necessário: dinheiro. E acrescenta-se: cultura. Que os índios destruíam o trabalho dos portugueses.

Está certo. Mas também as pretinhas deviam ter concorrido para o desleixo dos portugueses. As pretinhas estavam ao alcance da animalidade dos colonizadores. Não custavam dinheiro, nem a pele. As portuguesas e as brancas nativas deviam ter ficado sem merecimento sexual.

Pelo menos num plano inferior. Imagine-se a sensação de novidade à chegada das primeiras levas de escravos. Façam um esforço e transponham-se mentalmente àqueles tempos... Coloquem-se dentro das matas virgens e sintam a emoção de uma natureza feérica que lhes era estranha.

E dentro daquela natureza ponham as negras com suas danças, requebrando os quadris à luz dos aranchotes, ou à luz da lua. Ou nos dias santos de guarda, nas tardes opulentas de cores variegadas da luz espectral. Como as pretas deviam parecer ótimas aos portugueses saídos das alfurjas, dos presídios. Deviam estontear.

Afiguram-se, talvez, demônios negros da sensualidade, saídos do mar.

E adeus colonização! A portuguesada não teve mãos a medir. Para os pretos, chicote e mais chicote.

Para as pretas — aquele jeitinho especial que sempre tiveram e ainda têm para afeiçoar mulatas bonitas.

E não demorou em chegar o tempo das mulatas. Outra novidade.

Bruno de Menezes descreve:

*“A carne transpira e o almiscar da raça
é o cheiro “malino” que sai da mulata
o banjo faz solo no fim do banheiro:
lundús choradinhos batiques maxixes.*

*E os braços se agitam se aflagem batendo,
as coxas se apertam se alargam se roçam,
os pés criam asas voando pousando”.*

*É o Congo Loanda
Angola Moçambique.
É o sangue zumbi
tentação do português.”*

*“Todinha canela em polvilho cheiroso,
folha seca de fumo enrolado no sol,
sua boca recende a acidez que amortece.
Seu corpo que é todo que nem pau de Angola
deve ser gostosura de morte pedida
depois de dançar.*

*E o branco sentindo xodó pela preta,
aguentando a mareta gemendo no fungo,
bem quer e não pode mas vai de teimoso
se acabar no rebolo da bamba africana.”*

“Pai João” é um tipo muito conhecido. É o negro abasileirado. Recebeu durante muitos anos a ação do meio.

Envelheceu, mas deixou uma tradição de valentia que é um misto de temperamento africano e da maneira portuguesa:

*“Pai João sonolento e bambo na pacohrra da idade
cisma no tempo de ontem.
De olhos vendo o passado recorda o veterano
a vida brasileira que ele viu e gosou e viveu...”*

Mãe Maria contou que o pai dele era escravo...

*Moleque sagica e teso destro e afoito num rolo,
Pai João teve fama de capoeira e navalhista.*

*Êita! Era o pé comendo,
quando a banda marcial saía à rua
com tanto soldado de calça encarnada!*

*E o rabo de arraia cabeçada na policia
xadrez, desordem furdunço no cortiço
e o ronco e o retumbo do zozzo som molengo do
carimbó:*

*Juvená
Juvená
Arrebate
esta faca
Juvená!”*

Mãe Preta é uma página lírico-romântica inspirada num africanismo sentimental:

*"No acalanto africano de tuas cantigas
nos suspiros gementes das guitarras
veiu o doce langor
de nossa voz,
a quentura carinhosa de nosso sangue".*

"Dos teus seios, Mãe Preta, teria brotado o luar?"

*Foste tú que na Bahia alimentaste o gênio poético
de Castro Alves? No Maranhão a glória de Gon-
çalves Dias?*

*Terias unguido a dôr de Cruz e Souza?
Foste e ainda és tudo no Brasil, Mãe Preta.*

.....
*"Quando Sinhô e Sinhá Moça
chupou teu sangue, Mãe Preta?"*

Bruno de Menezes escreveu interessantes poemas com as festas juninas tradicionais: Marujada, Mastro do Divino, São João do Folclore e Mangericos.

Ao poeta paraense não escapou o estado religioso do negro que recebe o Santo.

Hoje até os brancos e as brancas recebem o Santo.

O espiritismo africano merece um estudo especial, porque não há nele o embuste, a indústria de médiuns, nem a especulação de espertos:

*"A voz de Ambrosina em "estado de Santo"
virou masculina
O corpo tomou jeito de homem mesmo.
Pedi um charuto dos puro Baía
depois acendeu soprando a fumaça.*

*Seus olhos brilharam.
Aí o "terreiro" num gira-girando
entrou na toada cantada do "ponto".
Era a "obrigação" de Mãe Ambrosina
falando quibundo na língua de Mina".*

*Toiá Verequête...
Toiá Verequête...*

As toadas Cachaça, Louvação do Cavaleiro Jorge, Oração da Cabra Preta, Liamba, Gente da Estiva, Escola dos Sapos, Igreja de Arrabalde, Fatura, são páginas admiráveis, de uma originalidade surpreendente.

No batuque há todas as modalidades poéticas, o ritmo africano domina toda a produção da primeira à última página.

Eu vou fechar esta resenha com o "Cheiro de Mulata":

*"O que tú põe
no teu corpo
que êle chêra
até no vento?
Tú não é rosa
nem cravo
nem jasmim
nem ubiganti.
O que tú é
é a Frozina
que tem tudo
que tem as outras mulhé...
Tudinho não.
Pode sê
que as outra
tenha demais.
Mas pra tê
um cheiro bão
só tú mesmo outra não tem!"*

Bruno de Menezes escreveu um livro. E o seu valor consiste em mostrar toda a influência sentimental que o negro africano teve e ainda tem na nossa nacionalidade e como da nossa sociedade embrionária chegou até os nossos dias, pelo sangue, pelos hábitos e pelos costumes.

Lendo-se com atenção o livro de Bruno de Menezes vê-se bem que o "africano", apesar da doentia branquidade da maioria dos brasileiros nativos, ainda nos acompanha. Ainda vive no seio da família brasileira, ainda está na mentalidade rude do nosso povo, ainda está em muitos aspectos de nossas relações sociais. E digo mais isso: infiltrou-se de tal jeito que, sem medo de errar, afirmo, que longe de se apagar, mais e mais cresce, pois à medida que os anos se passam, aumenta o número de adeptos de suas crenças, de seus cultos e de suas diversões, algumas até de caráter tradicional, e por isso mesmo até hoje irremediáveis.

* Esta nota foi publicada na 3.ª edição de "BATUQUE", em 1940, feita nas oficinas gráficas do "Pará Ilustrado". Nascimento Morais é um provector jornalista maranhense, professor do Ginásio de São Luís e um homem de letras muito querido pela mocidade gonçalvina.